

O CONTROLE MORAL NA SAGA STAR WARS: DIÁLOGOS ENTRE MICHEL FOUCAULT E GILBERT DURAND

ElzaKioko Nakayama Nenoki Couto¹

Anderson Nowogrodzki da Silva²

ZildaDourado³

RESUMO: o presente texto analisa o dispositivo do controle moral, em relação ao mito do anjo caído na história do personagem Anakin Skywalker/Darth Vader, da saga Star Wars. Esse estudo se fundamenta pela confluência teórica entre a Teoria do discurso, de Michel Foucault, e a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand, a fim de analisar as materialidades discursivas e míticas da saga Star Wars, de George Lucas, de modo a demonstrar a inversão dos valores de bem e de mal presentes nessa obra fílmica. Embora as trilogias tenham ficado muito conhecidas por atualizar a jornada do Herói de Joseph Campbell, este trabalho demonstra outros efeitos de sentido ao explicitar traços do mito de Hefesto e de Dionísio, em oposição a Apolo, que compõem a personagem Anakin Skywalker em sua trajetória de transformação em Darth Vader, quando atualiza o mito do anjo caído. Portanto, este estudo propõe um novo olhar para a saga Star Wars, bem como para os estudos do discurso e do mito.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo. Mito. Star Wars. Michel Foucault. Gilbert Durand.

ABSTRACT: This text emphasizes the theoretical confluence between the Michel Foucault's discourse theory and the Gilbert Durand's Imaginary Anthropology, objectifying to analyze the Star Wars Saga discursive and mythical materialities. Although the trilogies are very well known for updating the Joseph Campbell's hero journey, this paper shows another meaning effects, analyzing the moral control device related to the fallen angel myth, demonstrating the good and evil values inversion, present in the story of Anakin Skywalker/Darth Vader's character. This inversion also is articulated with the Hefestus and Dionysius (opposite to Apollo) mythic traces, that construe the Anakin Skywalker's character in his way to become Darth Vader, when it updates the fallen angel myth. So, this paper offers a new Star Wars Saga viewpoint, as well as to the discourse and myth researches.

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG), na Faculdade de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: kiokoelza@gmail.com.

² Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: a.nowogrodzki2@gmail.com.

³ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Quirinópolis, no curso de Letras – Português/Inglês. Quirinópolis, Goiás, Brasil. E-mail: zildadourado18@gmail.com.

Keywords: Device. Myth. Star Wars. Michel Foucault. Gilbert Durand.

Introdução

O presente trabalho parte da hipótese de que a saga *Star Wars* subverte a dicotomia “bem x mal” no processo de constituição da personagem Anakin Skywalker/ Darth Vader no decorrer dos seus filmes da série, divididos em duas trilogias. Essa subversão se dá nas materialidades discursiva e mítica desses filmes. Para demonstrar isso, este estudo analisa a relação entre discurso, segundo Michel Foucault (1995), e mito, conforme a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2002). A partir da confluência teórica entre autores, a análise será direcionada à materialidade discursiva, focalizando as falas da personagem Mestre Yoda, como líder do conselho Jedi, associada à materialidade mítica, dando ênfase às imagens de Anakin Skywalker e Darth Vader, da saga *Star Wars*.

A fim de descrever as complexidades inerentes às noções de poder e saber na sociedade, Foucault (2003) pensa na noção de dispositivo, que passa a ser apropriado pelos estudos do discurso de cunho foucaultiano enquanto postulado teórico-metodológico, entrecruzando o próprio Foucault, seus comentaristas e, neste trabalho, Nietzsche (2006). Configura-se, portanto, um olhar para as práticas discursivas e não-discursivas que se imbricam na constituição da malha social.

Já a antropologia do imaginário é uma teoria formulada por Gilbert Durand, na década de 1960, com o intuito de estudar as motivações simbólicas expressas em imagens – sejam elas verbais ou não –, a fim de investigar uma retórica profunda que, dando primazia ao espaço figurativo, por meio da descrição de suas atividades de conjunção e disjunção, confirme sua função essencial de eufemização dos males do mundo. Segundo essa perspectiva, as imagens são estudadas de acordo com o sentido e a interação que se estabelece entre o indivíduo (aquele que imagina) e o meio cósmico e social no qual ele está inserido.

Pensar na teia que se constitui socialmente, segundo Michel Foucault (1995), é, conseqüentemente, refletir sobre a arquitetura das relações discursivas sustentadas pelas intimações do meio social. Faz-se necessário, porém, ir além e repensar, com Gilbert Durand

(2002), o aporte biopsíquico que sustenta essa trama de interações responsável por constituir uma rede discursiva.

A partir da teoria do imaginário, pensando no conceito de trajeto antropológico, que parte do ser natural, biológico, e se direciona para o social, passando pela instância do psicológico, guiado por pulsões e pela consequente mobilização do inconsciente, Durand (1996) dá lugar ao sujeito/mundo material, explorando os liames intrínsecos entre a corporeidade e o processo de produção de imagens que dão forma à diversidade de modos de racionalizar e representar o universo, dentre eles, o mito. O discurso se envolve e se dinamiza articulado com essas formas, já que se constrói, de acordo com Deleuze (2005), por meio do entrecruzamento de saberes, orientando-se por vetores de poder microfísico. Para melhor entender esse processo, há que se abordar uma noção muito cara a Foucault, o conceito de “dispositivo”, que será complementado pelo conceito de trajeto antropológico enquanto relação entre as instâncias do biológico e do psicológico, como descrito na teoria durandiana.

Dispositivo e trajeto antropológico - entre o social e o mítico

A sociedade está fundada sobre a esteira das relações interpessoais. É nesse nível de organização das subjetividades e objetividades humanas que tem origem o que é chamado por Nietzsche (1992) de “véu de Maya”. Aqui, porém, chamar-se-á “Véu Ilusório”, que pode ser entendido como a racionalização humana que dá sentido às estruturas que cercam o homem, toda produção mítica e simbólica que se movimenta discursivamente pelo âmbito do social. Faz-se necessário uma perspectiva que atravesse e quebre as barreiras do que é dado como axioma, um olhar para o sujeito microfísico em suas relações, sócio-historicamente situado, interpelado pela diversidade dos enunciados, dos discursos, dos símbolos, das imagens que se movimentam socialmente via relações de poder, seja na relação entre regularidade e resistência, proposta por Foucault (1979), ou na mobilização histórica da “bacia semântica”, proposta por Durand (1996).

A bacia semântica é um conjunto de valores que norteiam o pensamento e a ação do homem em determinada época. Esse conceito foi formulado segundo a perspectiva de que a história movimenta-se por aspirações e experiências cíclicas, de maneira que os valores se saturam pela ascensão de outros valores, até então presentes na memória de grupos

marginalizados. Durand propõe e analisa a bacia semântica em sua constituição simbólica e mítica para explicar o sentido cíclico da história.

A bacia semântica é uma metáfora que representa a dinâmica de formação e saturação dos mitos numa tópica sociocultural. Os mitos que orientam dada época se sobrepõem num ciclo de ascensão-patente e queda-latente, reanimando e constituindo a atualidade do saber, por meio de um processo genealógico, como propõe Nietzsche (2001), num aparecimento histórico resultante do processo do eterno retornar, do *devenir* contínuo inerente ao caos constantemente presente na inconsistência cósmica. Dessa forma, constitui-se a pluralidade dos saberes, dos discursos, que envolvem a sociedade e dão forma à heterogeneidade.

A noção de dispositivo fundada por Foucault, como citada, traz características particulares e retoma, de certa forma, o conceito de Formação Discursiva, em razão de pensar os feixes de relações de saber e poder que produzem o discurso por meio de seu entrecruzamento. De acordo com Sargentini (2015), o dispositivo é um aglomerado de relações de saber e poder mediadas por elementos discursivos e não-discursivos, estando disseminado e representando um conjunto parcialmente regular de elementos, podendo superpor outros dispositivos, tornando-os essencialmente móvel, continuamente mutável em suas conexões, produzindo diferentes efeitos.

De acordo com Deleuze (2005), os dispositivos se configuram como conjuntos multilíneares, entrópicos, em que os elementos que os compõem funcionam como vetores, o que exige a atuação do pesquisador como um cartógrafo, que recorta determinadas relações e nomeia o dispositivo de acordo com sua organização, trazendo-o à luz. O dispositivo possui uma tridimensionalidade, alicerçada nas formas de ver, nas possibilidades de dizer (saber) e nas relações de poder. Vê-se, assim, uma função estratégica, que é refletida na transformação do discurso. O dispositivo se apresenta, por isso, como uma estrutura organizadora, uma costura entre elementos heterogêneos (discursivos e não discursivos), que constitui práticas e valores de verdade por meio de suas regularidades, evidenciando a possibilidade de contraposição por meio da resistência.

Parte-se, por isso, de uma ótica perspectivista, em que o sujeito se encontra conectado com a natureza, relacionando-se de diferentes maneiras com as materialidades do mundo. Alterna-se sua própria realidade, dando forma a um imaginário individual, um véu ilusório, um valor de verdade próprio, parcial, constituído por meio de sua psique, suas pulsões, como afirma

Durand (2002). Como leitor e descendente do pensamento nietzschiano, Foucault (2000) traz à tona também esse saber perspectivo, afirmando que só se pode falar de um lugar e um tempo determinados, a partir de uma constituição própria e complexa.

A partir da análise das relações de saber e poder no dispositivo, como pensa Foucault, é possível olhar para ele como um sistema rizomático, em que atuam e se constituem discursos, dos quais é possível trazer à tona os mitos subjacentes, correntes no construto social, sob a ótica de um trajeto reversível entre as instâncias do social e do biopsíquico. Nesse sentido, as teorias mobilizadas pela arqueologia e pela genealogia foucaultiana comunicam-se com o trajeto antropológico, conforme Durand.

Durand (1996) defende a constituição do ser humano pela reversibilidade entre sujeito individual e sujeito social em todas as atividades humanas. Esse sujeito individual atua em sua sensibilidade, psiquismo e biologismo, já o sujeito social, por meio das intimações sociais e sua constituição no meio cósmico, em consideração ao espaço natural. A essa reversibilidade, Gilbert Durand deu o nome de Trajeto Antropológico.

De acordo com Durand (1996), o trajeto antropológico apresenta duas extremidades, a ordem biológica e a ordem sociológica. A partir dos estudos da reflexologia de Betcherev (apud Durand 2002), o biologismo humano se constitui por três reflexos dominantes: o reflexo da verticalidade é referente à nossa postura bípede; o reflexo da deglutição é referente ao nosso sistema digestivo; e, no seu prolongamento, o reflexo dominante da cópula, referente aos ritmos do corpo e da fricção sexual. Esses reflexos dominantes definem o ser humano como uma espécie, devido às suas interações sociais enquanto coletividade, e naturais, em relação à natureza e ao cosmos. Por isso, Durand define a primeira extremidade do trajeto como a troca do corpo (biológico) com o meio exterior (sociológico).

Os reflexos dominantes começam a ser materializados no imaginário pelos arquétipos, cuja força motriz constela as imagens em três regimes: diurno, noturno e crepuscular. O regime diurno é o da verticalidade e agrupa todas as imagens de heroísmo, antítese e queda. Ele é composto pela estrutura heroica. O regime noturno é o da deglutição e agrupa todas as imagens de eufemização, comunhão e descida introspectiva. Ele é composto pela estrutura mística. O regime crepuscular é associado à dominante da cópula, pelos símbolos cíclicos e messiânicos, ele é composto pela estrutura dramática, pois as imagens dinamizam-se em torno dos ciclos da

vida, em que, pela dramatização, há uma alternância entre os regimes diurno e noturno na construção de uma filosofia de vida por parte do sujeito.

A segunda extremidade do trajeto antropológico é o capital das representações humanas, isto é, o imaginário. Para Durand (2006), ele é o “*subsumem das imagens, símbolos, ideias, representações e, depois, sintaxes, topologias, retóricas e lógicas.*”. Essa reversibilidade entre biológico/social e imaginário garante que o trajeto tenha um aspecto psicológico e fundador de todo o capital pensante do *homo sapiens sapiens*. Portanto, o imaginário pode ser considerado como o próprio trajeto antropológico, pois a representação do objeto, proveniente dos meios social e natural, é assimilado e modelado pelo biologismo e psiquismo (reflexos dominantes e imagens) do sujeito. Essa reversibilidade ao nível do imaginário é o lugar das representações subjetivas em acomodação e assimilação dos objetos do meio exterior (social e natural).

Dessa maneira, o imaginário é constitutivamente subjetivo e coletivo. Por meio do trajeto antropológico é possível estudar o ser humano em sua totalidade biológica, social, e psíquica.

Durand (2002) postula o estudo do trajeto antropológico pelo imaginário, mas não há como negar que ele também subjaz ao discurso, enquanto conjunto dos modos de ver o mundo e das possibilidades de dizer em diferentes contextos sócio-históricos, presente nos sistemas filosóficos, religiosos, políticos, etc.

A fim de entender essa dinâmica, desenvolveu-se um viés sociológico para a Antropologia do Imaginário por meio da mitodologia, isto é, uma metodologia de estudo dos mitos nas diferentes sociedades.

O mito, para Durand (2002), é o prolongamento dos reflexos, arquétipos e símbolos que se compõem em uma narrativa implícita nos sistemas filosóficos, religiosos, políticos, artísticos, etc.

Dentro da reversibilidade do trajeto antropológico, Durand postulou dois modos de analisar o mito: a mitocrítica e a mitanálise. A mitocrítica descreve e analisa as imagens de uma obra até alcançar o seu mito diretivo. Já a mitanálise descreve e analisa os mitos de diferentes obras produzidas por um grupo social em uma determinada época para apontar o mito diretivo dessa sociedade. Por isso, a mitocrítica precede a mitanálise no estudo dos mitos.

Desse modo, em um mesmo grupo social, é possível estudar os dispositivos e o trajeto antropológico. Considerando tudo o que foi exposto sobre o trajeto antropológico, isto é, a troca ao nível do imaginário entre o biologismo e o psiquismo individual e as intimações objetivas do meio cósmico e social, pode-se considerar o dispositivo como o resultado dessas intimações, as quais cada ser humano, por meio do seu imaginário, assimila e adapta em sua existência em sociedade.

Contudo, o dispositivo de Foucault também engloba a materialidade linguística e discursiva produzida em um campo de saber, construindo, nas relações de poder, uma ordenação social. Por isso, pode-se considerar o estudo de uma obra a partir do dispositivo, entrecruzando regularidades (redundâncias) que emergem dos feixes de relações, em busca das imagens subjacentes aos discursos, até alcançar o seu mito diretivo.

Direcionando para a saga *Star Wars*, a noção de dispositivo de Foucault alicerça a estrutura social em que se passa o enredo da saga, mas esse mesmo conceito não submete o sujeito inteiramente às coerções sociais; por essa razão também é possível associar Foucault a Durand: são as pulsões do sujeito que desencadeiam os impulsos para a narratividade, (o homo sapiens como narrador natural). É no âmbito da narrativa - textos, filmes imagens, comunicações cotidianas etc. - que o sujeito manifesta representações psíquicas e corporais. O estudo do aporte biopsíquico do sujeito pressupõe a observação da performance da personagem e demonstra quais imagens ele aciona e quais esquemas habilita para operacionalizá-las.

Para analisar a presença do mito na saga de *Star Wars*, emprega-se a mitocrítica de Durand. Segundo ele, a mitocrítica aponta o mito diretivo da obra pelo seu imaginário a partir da descrição dos mitemas, podendo ser literária, cinematográfica, musical etc. Os mitemas são pequenos traços que constroem, sincronicamente, o mito diretivo do discurso, e, diacronicamente, as lições míticas. Conforme Simone Vierne (1993), a configuração das imagens simbólicas aponta certos mitemas que podem ser cenários, personagens, comportamentos que remetem a uma narrativa mítica.

Ordem Jedi VS. Ordem Sith: uma análise discursiva e mitológica da Saga *Star Wars*

A segunda trilogia da Saga *Star Wars* se constitui pelo episódio I, “A ameaça fantasma”, o episódio II, “O ataque dos clones” e o episódio III, “A vingança dos Sith”, que contam a história de Anakin Skywalker até a sua transformação em Darth Vader.

No episódio I, Anakin aparece como uma criança prodígio, marcada por um forte traço da energia que movimenta o universo *Star Wars* (doravante “força”). Ele foi treinado, em sua adolescência, para ser um cavaleiro Jedi pelo mestre Obi-Wan-Kenobi e, ao longo de sua iniciação, demonstra ser muito poderoso.

O episódio I, “A ameaça fantasma”, mostra a infância do Skywalker, morando com a mãe, quando ambos eram escravos, no planeta Tatooine. Esse momento da vida é popularmente conhecido como o estado da pureza, da inocência. O cristianismo, aliado a um dispositivo de controle moral que, segundo Sargentini (2015), reproduz os saberes por meio dos dizeres e das práticas, contribuiu para difundir essa visão de infância, ao simbolizá-la pelos anjos, como os seres sem pecados, pertencentes ao estado edênico.

Observa-se, num primeiro instante, o modo como se constitui uma estrutura que remonta aos saberes cristãos, exaltando a oposição dialética entre bem e mal, a constituição da figura de uma criança que representa, mesmo nos traços físicos, a figura do anjo cristão, que percorre os dizeres socialmente disseminados e se inscreve, como assegura Foucault (1979), nos valores de verdade, mobilizando, conseqüentemente, um rizoma de poder em fluxo, que corrobora para a dinâmica da trama narrada. Na condição de escravo, os primeiros anos da vida de Anakin, são usurpados pelo trabalho e pela necessidade de querer ser livre e libertar a sua mãe. Assim, o pequeno desenvolve habilidades excepcionais como as de pilotar naves e as de construir andróides, como o C-3PO.

De certo modo, o desenvolvimento de um andróide implica no desenvolvimento de uma inteligência artificial, bem como a de uma nova consciência. Essas condições de subalternidade forçada, servidão e capacidade de criação fazem com que o pequeno Anakin apresente alguns traços de Hefesto, da mitologia grega, o deus conhecido por ser produtor de artefatos de metal. Do mesmo modo que Hefesto modelou autômatos para auxiliá-lo no trabalho, Anakin construiu um andróide, atualizando os traços míticos desse deus grego. O pequeno atualiza a figura de Hefesto e, assim, evidencia-se o primeiro mitema da saga.

O Skywalker é encontrado pelo mestre Jedi Qui-Gon Jinn e seu padawan, Obi-Wan Kenobi, em Tatooine. O mestre Jedi reconhece no garoto traços de uma forte manifestação da força e, por isso, resolveu treiná-lo, para que se tornasse um cavaleiro e futuro mestre Jedi.

A criança prodígio é reconhecida dentro do conselho Jedi como o eleito, o excepcional. Contudo, o poder de Anakin Skywalker gera desconfiança na Ordem Jedi, pois eles sentem certa predisposição do jovem para o lado negro da força (caos, destruição, abalo no equilíbrio, busca do prazer, imoralidade), ao qual se filiaram os Sith (dissidentes dos Jedi que controlam a força, almejando o lado negro). Percebe-se, aqui, como se movimenta, na segunda trilogia, a dicotomia bem-mal, reproduzindo e reafirmando por meio de seus elementos discursivos e não discursivos a preocupação com o excesso, a desordem, o prazer, a fuga dos padrões estabelecidos pela ordem vigente, que descende do construto que é o dispositivo de controle moral, como descrito por Foucault (2008), pautado na busca por regulamentar as práticas discursivas ao criar medidas de segurança baseadas em estatísticas.

Quando se pensa com Foucault (1979), a partir da chamada microfísica do poder, retomando o conflito entre bem e mal, Jedi e Sith, lado luminoso e lado negro, pensa-se, conseqüentemente, no modo como os sujeitos se relacionam em condições específicas de existência, a partir de uma função, um lugar que se caracteriza pela regularidade (conjunto de saberes hegemônicos) em oposição à resistência, (os saberes marginais que são invisibilizados pela massa hegemônica). Em Star Wars, a oposição entre a luz e as trevas, disseminada por instituições (ordens Jedi/Sith) e materializada no discurso de personagens específicos, demonstra como esse conflito movimenta os saberes presentes na construção de Anakin Skywalker como Darth Vader.

Observa-se, por exemplo, o dizer de Mestre Yoda, enquanto representante do conselho Jedi, no episódio I, afirmando que “O medo é o caminho para o lado negro. O medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio, o ódio leva ao sofrimento.”. Percebe-se aí, um traço do dispositivo de controle moral, que, ao tomar o medo como algo negativo, demoniza-o, junto a outras emoções, como a raiva, o ódio e o sofrimento. Cria-se um ambiente que nega as emoções em detrimento da razão que busca uma ordem ao negar o caos. De outro lado, Palpatine (Lorde Sidious), mestre de Anakin/Darth Vader a partir do episódio III (quando a personagem é trazida para o lado negro da força), diz que “o lado sombrio é o caminho para várias habilidades que alguns consideram como não-naturais.”.

Esse enunciado instabiliza as regras do dispositivo de controle, mantidas pelas regularidades das práticas discursivas do lado luminoso, na medida em que busca o inalcançável, o não-natural, exceder os limites do que está dito como verdade, da razão, mobilizando a passionalidade para isso, por meio da resistência. O seguinte enunciado, ainda retirado do episódio III, do personagem Palpatine (Lorde Sidious), confirma essa instabilidade, pensando no lado negro como a busca pelos prazeres, em oposição ao asceticismo: “Anakin, peça-me e lhe darei todo o poder e todas as riquezas de toda a Galáxia. Em troca, quero que arranque para fora essa bondade inútil que vive dentro de você.”.

No episódio II, “O ataque dos clones”, Anakin Skywalker aparece como um jovem inteligente, ousado e levemente arrogante. Adota a vestimenta preta para diferenciar-se dos demais Jedi. Nesse filme, há dois eventos importantes para compreender mais sobre um traço mítico de Anakin: o resgate da mãe e o relacionamento com a senadora Padmé Amidala.

Anakin precisou se separar de sua mãe para fazer o seu treinamento Jedi. Segundo a narrativa, ela foi sequestrada e torturada, de modo que o filho, sentindo seu sofrimento por meio da força, voltou para resgatá-la, mas a encontrou agonizando até a morte. A origem de Anakin está ligada somente à sua mãe e essa relação, condicionada à subserviência, remete à origem de Dionísio. Um deus concebido em segredo entre Zeus e Sêmele que, ao serem descobertos pela esposa do deus do trovão, Hera, desencadearam a morte da amante e, ao feto, restou ser gerado na coxa de Zeus. Dionísio é representante dos desejos ocultos, das paixões avassaladoras, da dor e da transformação. Esse é o segundo mitema na constituição do personagem Anakin Skywalker/Darth Vader.

Pensando no jovem Anakin como um elemento provocador do caos no universo de *Star Wars*, lembra-se de uma noção cara a Foucault (1979), o biopoder. Esse conceito se estabelece na relação entre o conjunto social e a busca pela domesticação dos corpos, em que as práticas e dizeres corroboram para que a vida seja regulamentada, atingindo a população (que é, também, o instrumento para sua produção), vindo à luz na regularidade das práticas discursivas.

Percebe-se, então, o estopim para a quebra das estratégias de docilização dos corpos, a emergência da resistência, em oposição aos princípios impositivos da Ordem Jedi, como instituição, contra os saberes mobilizados por seus membros, como cavaleiros da ordem, da paz, da justiça e do asceticismo, e contra os valores de verdade que tomam forma nessa teia de práticas, instituições e discursos que, estrategicamente, constituem uma trama de biopoder.

Vem à luz, dessa forma, a noção de governamentalidade, como um conjunto de modos de ver e dizer que possibilitam a construção de uma biopolítica, sendo o dispositivo de controle moral um componente fundamental, no ocidente, para a produção de uma sociedade que se organiza a partir do cuidado com o corpo-outro.

Do mesmo modo que Dionísio voltou ao reino dos mortos para resgatar Sêmele, Anakin tentou o mesmo com sua mãe que, não resistindo, morreu. No entanto, após a morte da mãe, o jovem se torna cada vez mais entregue aos seus desejos e emoções, intensificando o seu relacionamento amoroso, em segredo, com a senadora Padmé Amidala.

A relação é mantida em segredo porque os cavaleiros jedi seguem uma filosofia altruísta que envolve total renúncia aos desejos e emoções individuais, a fim de servir ao bem estar da coletividade, atuando como uma instituição reprodutora da ordem estabelecida pelo dispositivo de controle moral. Para entender melhor essa situação é preciso pensar na conjuntura que fundamenta as relações de saber que, segundo Foucault (1995), dão forma à malha social por meio de uma constituição histórica.

A Ordem Jedi, como organização monástica, ecoa o discurso religioso cristão que, sendo um elemento de grande importância para a estruturação do dispositivo de controle moral, reproduz o asceticismo como princípio básico de suas doutrinas, formulando-se como um saber que almeja a entrega ao sagrado em detrimento da negação do profano. Esse sistema de regulamentação dos dizeres e das práticas resulta na criação de uma normatividade pautada nos três pilares que estruturam o caminho jedi, sejam eles “auto-disciplina, conhecimento e força”. Para tanto, trilha-se um caminho de abstinência, já que os saberes correntes, que atuam por vetores de poder, como assegura Foucault (1979), reforçam que os sentimentos intensos, a passionalidade, é uma porta para o lado negro, o que leva os jedi a se afastarem de suas famílias e rejeitarem relacionamentos amorosos.

Anakin se entregou aos seus sentimentos e resolveu viver com Padmé, contrariando o estilo de vida de um cavaleiro Jedi. Irrompe, assim, o modo como o dispositivo se movimenta, pelo viés do poder. Na emergência de um regime de visibilidade, como um novo modo de olhar para o mundo, institui-se uma contradição à ordem vigente, aparecendo assim a resistência, movimentando a história, transformando, aos poucos, o dispositivo (FOUCAULT, 1979). Portanto, até aqui, os traços míticos de Hefesto e de Dionísio marcam o personagem Anakin Skywalker como o que está fora da ordem, das convenções, entregue às suas paixões.

Em uma batalha contra o dissidente jedi, adepto do movimento separatista e aliado dos sith, Conde Dooku, Anakin Skywalker teve boa parte do braço direito decepada. Ao final do filme “O ataque dos clones”, ele aparece com uma prótese de metal. De acordo com Durand (2002), a mutilação se apresenta como um símbolo da valorização da dor e do sofrimento como partes da vida, de modo positivo, no sentido de humanizar o indivíduo. Além disso, como a mutilação atinge a paridade típica do bípede, que mantém a ordem e o equilíbrio do corpo humano, segundo Durand (2002), há uma antífrase do ato de heroísmo, no sentido de impor ao herói uma forma eufemizadora de assimilar o mal em uma vida à margem da sociedade, fora das convenções sociais. O dispositivo de controle moral se torna, assim, um modo de estruturar uma sociedade de segurança, de acordo com Foucault (2008), em que, estatisticamente, os desvios são prevenidos por práticas regulares de prevenção, que deixam espaço para a formulação de uma marginalidade, como resistência.

Anakin Skywalker, portanto, já inicia a sua caminhada pelo lado negro da força como anunciado pela simbologia da mutilação. Anakin é um gênio movido por sua própria vontade e suas emoções, tais características apenas o distanciam da filosofia e do estilo de vida dos cavaleiros jedi.

Em “A vingança dos Sith”, o supremo chanceler Palpatine enaltece toda a inteligência e ousadia de Anakin, seduzindo-o para ser o seu aliado. Contudo, Anakin só se converte para o lado sombrio da força quando é tentado pela capacidade de vencer a morte e de impedir uma terrível premonição a respeito de sua amada, Padmé Amidala. A morte, numa sociedade de controle moral é, geralmente, associada ao mal e tomada como uma mazela a ser combatida em sua hegemonia, por meio das manobras exercidas pelas estratégias de prevenção mobilizadas pela biopolítica (medicalização), deixando abertura para que não seja combatida nas margens da sociedade, no seio da resistência, como afirma Foucault (2008).

Desse modo, pode-se inferir que Anakin não escolheu o lado negro da força, mas foi seduzido e tentado por seu medo de perder Padmé, constituído por uma diversidade de saberes e relações de poder que o levaram a dadas práticas, interpelado por determinados discursos. O medo, o amor, a ousadia, a prepotência são paixões humanas, estados de alma do ser humano provocados pelo contato com a angústia universal da passagem do tempo para a morte.

O supremo chanceler Palpatine, o Lorde Sith Darth Sidious, ofereceu a Anakin a capacidade de vencer a morte por meio do treinamento sith. Considerando que o Skywalker

teve a capacidade de criar uma inteligência artificial, uma nova consciência, na forma do androide C-3PO, a invencibilidade em relação à morte o aproxima da condição de um super-humano, quase a de um Deus.

E assim ele migrou para o lado negro da força. Em uma passagem conturbada por uma guerra entre os cavaleiros Jedi e os Lordes Sith (a República e os separatistas), Anakin Skywalker enfrenta o seu antigo mestre Jedi, Obi-Wan-Kenobi. Nessa batalha, Anakin Skywalker foi mortalmente ferido pelo fogo da lava do planeta Mustafar, teve seus membros amputados, e foi resgatado por seu novo mestre sith, Darth Sidious. Reflete-se, assim, o movimento existente na sociedade, não de oposição, mas de ciclo, ramificação, malha de poderes que integram, na ordem, o caos, nas regularidades, a resistência.

Após o resgate, Anakin passa por uma cirurgia em uma câmara luminosa, onde é transformado no cyborg Darth Vader. Pernas metálicas são acopladas a Anakin, que grita de dor e, posteriormente, tem todo o corpo coberto por uma armadura metálica preta. Finalmente, no momento de integrar a máscara ao conjunto, a câmara mostra o olhar de terror do jovem Skywalker que, à medida que percebe a aproximação do objeto, de cima para baixo, transparece resiliência. Enquanto o capacete preto é colocado, a câmera realça a máscara descendo e, pelas aberturas dos olhos, duas luzes brancas intensificam-se para demonstrar o novo modo como Anakin Skywalker verá o mundo, como Darth Vader. Da mesma forma, o dispositivo de controle moral se modifica historicamente, atuando pela conjunção das diversas partes que constituem a sociedade e, em sua relação, corroboram para a reestruturação das relações de poder e saber.

Darth Vader – o Lorde negro

Anakin Skywalker é Darth Vader, o grande Lorde Sith. A sua aparência é a de um cyborg, caracterizado por uma armadura negra cobrindo todo o corpo, envolta por um manto negro. A cabeça é protegida por uma máscara com um capacete. Eis o Lorde negro Sith.

O manto de Darth Vader, uma vestimenta circular com uma abertura na parte de cima, tem um simbolismo ascensional e celeste. Segundo Durand (2002), o detentor do manto encontra-se no centro do universo, como se a capa representasse a tenda celeste. Darth Vader, como representante de Deus, tem o poder sobre a vida e sobre a morte, tal como sonhou Anakin

Skywalker. Ou seja, de alguma forma, o sujeito resistente se torna mobilizador de todo o sistema, detentor da produção da mudança por meio do conflito, como afirma Foucault (1979).

Ao simbolismo do manto, soma-se o simbolismo da máscara. Darth Vader usa uma máscara que também é um capacete, a cor preta e o seu formato lembram o capacete de Hades. Conforme Brandão (1986), o capacete de Hades tem a função de proteger o indivíduo, tornando-o invisível. O próprio nome “Hades” significa o *invisível*. Essa invisibilidade protetora é paradoxal porque ela também oculta o indivíduo e seus pensamentos. Durand (2002) aponta o capacete como um símbolo de poderio, isomorfo ao da coroa, por cobrir totalmente a cabeça e ser usado em ato de heroísmo, e como um símbolo de dissimulação, principalmente quando a viseira está abaixada. Darth Vader não nos é apresentado em sua face humana, mas em sua face de cyborg, indissociável do capacete. A invisibilização do homem embaixo do capacete é uma forma de perceber que a resistência é marginal à ordem que se constitui na regularidade das práticas e dizeres. O capacete, ao encobrir a face, demonstra a mobilidade do sujeito discursivo, reconstruindo-se no dispositivo de controle moral, a todo o tempo, subjetivando-se e objetivando-se incessantemente, como diria Foucault (2004).

Dessa maneira, Anakin Skywalker está invisibilizado. O seu atributo de construir novas formas de vida, os androides, e o modo como ele, dionisiacamente, desceu ao reino dos mortos, vivenciou a dor e a transformação, estão invisíveis. Os traços míticos de Hefesto e de Dionísio, associados à simbologia do capacete de Hades, demonstram o super-humano Anakin Skywalker, que conheceu o dom da vida e experimentou a dor e a morte. Contudo, Darth Vader é um cyborgheróico, um líder sith. Toda a humanidade de Anakin o fragiliza em sua missão de manter o Império e destruir a aliança rebelde.

Desse modo, a simbologia do capacete de poderio e dissimulação confirma a natureza paradoxal (homem e máquina) de Darth Vader. Ou seja, um sujeito que se objetiva e se subjetiva ao mesmo tempo, cedendo, em parte, à uma nova ordem, mas representando, ao mesmo tempo, uma recusa das regularidades vigentes.

O episódio V, “O império contra ataca”, apresenta dois outros elementos fundamentais para a descrição do mito diretivo de Darth Vader: a marcha imperial e a câmara de meditação.

A marcha imperial faz remissão à marcha fúnebre da sonata nº 2 para piano, em Si menor, de Chopin. A composição de John Willians também faz remissões à composição de Gustav Holst, “*Marte, la portadora da guerra*”. Além dessas referências, a marcha imperial

também se caracteriza por um som de cavalgada, uma cavalgada fúnebre, especialmente em sua introdução.

Segundo Gilbert Durand (2002), a cavalgada e o galope são símbolos isomorfos ao rugido do leão, como um som terrificante representante de uma angústia diante de uma mudança drástica “(...) diante da fuga do tempo como diante do “mau tempo” metereológico.” (DURAND, 2002, p.83).

A marcha imperial pode ser considerada como um anúncio fúnebre da marca da morte. Além disso, nesse filme, Darth Vader, em busca de Luke Skywalker (seu filho), apresenta, mais nitidamente, a sua condição de ser humano, deixando a humanidade de Anakin Skywalker mais aparente. Principalmente, nas poucas cenas em que aparece na câmara de meditação de Darth Vader.

A câmara de Darth Vader é côncava, e subdivide-se de alto a baixo para envolver e guardar o Lorde Negro. Segundo Durand (2002), a concavidade é um símbolo de feminilidade, devido ao formato côncavo do útero, por isso, há um isomorfismo entre as formas côncavas com o útero, com a casa, que culminam, por conterem e preservarem uma vida dentro de si, na simbologia da morada. O útero é a morada prototípica, onde o ser humano se desenvolve no acolhimento do corpo materno, por isso, o nascimento é a primeira grande ruptura da vida humana, pois o ser precisa sempre encontrar uma nova morada íntima para o descanso e desenvolvimento. Dessa maneira, a casa apresenta uma simbologia e função psicológica primordiais no imaginário humano.

No caso de Darth Vader, a câmara guarda e mantém vivo o microcosmo do corpo humano destruído de Anakin, em confluência com o seu corpo máquina, como uma espécie de aglutinação. Ela é a morada de Vader, “o lugar mágico onde as trevas podem revalorizar-se em noite”, como ressalta Durand (2002). Uma representação do próprio construto social, que guarda, em si, todas as relações contraditórias que o constituem e dão forma aos dispositivos por meio de elementos em interação: relações de saber e de poder, como assegura Sousa (2015).

Assim, as simbologias do manto negro, da máscara e do capacete, somadas às da marcha imperial e à câmara de meditação, podem comprovar a ideia de que Darth Vader não é um vilão, como popularmente é conhecido. Embora seja o grande Lorde Negro Sith, Darth Vader é um personagem representante de um paradoxo, a barreira entre o homem e a máquina, o objetivo e o subjetivo, o próprio sujeito em sociedade. Como o ser humano consegue sobreviver sem a

máquina? O quanto a máquina é dependente da inteligência humana? Como a máquina consegue invisibilizar a condição humana?

A transformação de Anakin Skywalker em Darth Vader apresenta traços míticos de Hefesto, Dionísio e Hades, mas a estrutura narrativa básica relaciona-se ao mito do anjo caído. O anjo poderoso, aliado de Deus, cuja vontade de possuir os poderes divinos sobre a vida e a morte fez com que fosse castigado e lançado ao inferno. Anakin Skywalker configura essa transformação de anjo para demônio, tornando-se Darth Vader. Pensando com Foucault (1995, 1979), o modo como o movimento de resistência se configura na narrativa do anjo caído, demonstra como as relações de poder produzem novos saberes e criam uma descontinuidade histórica, nesse caso, pela ruptura com os elementos discursivos e não discursivos que integram o dispositivo de controle moral.

O mito do anjo caído é atualizado pela personagem Anakin Skywalker/Darth Vader sem reforçar a dicotomia do bem e do mal, como prega a versão cristã desse mito. A atualização fundamenta-se na dicotomia homem/máquina, objetivo/subjetivo. Em *Star Wars*, essa estrutura é atualizada para demonstrar como pode haver a diluição da barreira entre o homem e a máquina. A primeira trilogia (episódios IV, V e VI) demonstra a humanização da máquina, como a inteligência, e as paixões humanas superam a inteligência artificial. A segunda trilogia, por outro lado (episódios I, II e III) demonstra como a máquina pode sobrepor-se ao humano. Constata-se, dessa forma, o modo como a subjetivação se integra, no construto social, à objetivação, transformando, constantemente, o sujeito, atualizando-o no conflito das resistências, na modificação dos saberes que o interpelam, possibilitando o devir contínuo do dispositivo. No caso do exemplo aqui desenvolvido, pensa-se no dispositivo de controle moral, sendo reestruturado a todo tempo, por meio das relações de saber e poder que dão forma a ele, como uma massa móvel e fluida.

Considerações Finais

Como foi dito anteriormente, a saga *Star Wars* suscita muitas perguntas e este trabalho demonstrou como não há uma resposta definitiva para todas elas. Anakin Skywalker, do viés de sua subjetividade, busca, por meio da meditação, se conhecer melhor, em busca de sua fonte interior. Ele se transforma em Darth Vader, aprende que pode ser bom e mau, condição inerente

ao sapiens. Do viés da coletividade, o imaginário da saga vai remeter aos heróis, o que eles representam para o sujeito, lado luminoso ou lado negro da força. Dentro desse contexto, Vienne (1993) defende que todo mito responde a uma questão universal (quem sou eu? De onde eu vim? Pra onde eu vou? Etc.), apontando um caminho. A quebra do dispositivo de controle moral, ao nível do discurso, os traços míticos de Hefesto, Dionísio, e o mito do anjo caído, demonstram a questão universal da “relação entre o eu e o outro” e a responde de duas maneiras.

Primeiro, diluindo essa visão de um “eu” do bem, relacionado, por oposição, a um “eu” do mal, sustentado pelo dispositivo de controle moral. É assim que vemos os discursos da ordem Jedi e da ordem sith em combate durante a saga. Eles estão amparados por um imaginário em decadência, pautados na espera por um redentor, o salvador, como prega o cristianismo sobre o retorno de Jesus Cristo.

Segundo, a saga propõe um novo problema; a relação entre o “eu” humano e o “outro”, máquina, como este artigo demonstrou na constituição da personagem Darth Vader. Evidencia-se, dessa forma, um imaginário em ascensão, de diluição da dicotomia do bem e do mal, porque ambas são inerentes à natureza humana e trazem a relação com a máquina. Além do mais, *Star Wars* traz esse paradigma em contiguidade com outros filmes de ficção científica lançados na segunda metade do séc. XX.

Por tudo isso, a saga permanece bem sucedida. Ela subverte um valor cultural universal, do bem e do mal, e demonstra como a sociedade contemporânea do ocidente tem construído os seus discursos e seus mitos pela constante vivência com as máquinas. É assim que *Star Wars* instiga um questionamento que, embora simples, representa diferentes tensões da condição humana, algumas delas demonstradas por esse trabalho, então:

Qual é o seu lado da força?

Referências

BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: _____. *O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2005. (pp. 83-96).

DURAND, G. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *O Nascimento da Tragédia* (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *A Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

_____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. (Col. Ditos e escritos, IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (pp. 335-351).

_____. *Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Segurança, território e população*. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

SARGENTINI, V. M. O. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In: SOUSA. K. M.; PAIXÃO. H. P. *Dispositivos de poder/ saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. 01 ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

SOUSA. K. M. Inovar em AD com Foucault: a tecnologia dos enunciados no funcionamento dos dispositivos de poder. In: SOUSA. K. M.; PAIXÃO. H. P. *Dispositivos de poder/ saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. 01 ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

STAR WARS – EPISÓDIO I: a ameaça fantasma. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 1999. (136 min.). son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – EPISÓDIO II: ataque dos clones. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 2002. (142 min.). son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – EPISÓDIO III: a vingança dos sith. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 2005. (140 min.). son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – EPISÓDIO IV: uma nova esperança. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 1978. (121 min.). son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – EPISÓDIO V: o império contra-ataca. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 1980. (124 min.). son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – EPISÓDIO VI: o retorno de jedi. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 1983. (134 min.). son., color. Legendado. Português.

VIERNE, S. *Mythocritiqueetmythanalyse*. *Reveu Iris*, [s.1], n.13, p.43-56, 1993. Disponível em português em: <<http://w3.u-grenoble3.fr/cri/portugais/Artigo-SIMONE-VIERNE.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2012.